

## O PROFESSOR ANDRÉ GUILCHER HOMENAGEM DOS SEUS AMIGOS DE PORTUGAL

SUZANNE DAVEAU<sup>(1)</sup>  
CARLOS ALBERTO MEDEIROS<sup>(1)</sup>

### A VIDA E A OBRA (S. D.)

No dia 4 de Dezembro de 1993 morreu o professor André Guilcher. Desapareceu um grande Geógrafo e um Homem de rara qualidade, que os seus amigos de Portugal desejam homenagear.

### Uma carreira simples e fecunda

Nascido em 1913, *agrégé d'Histoire et de Géographie* em 1936, Guilcher pertence à geração dos universitários que, ainda providos de uma formação geográfica ampla e equilibrada, sentiram, em geral, a necessidade de adquirir uma especialização aprofundada. A seguir à brutal interrupção da segunda Guerra Mundial, André Guilcher defendeu, em 1948, a tese de doutoramento sobre *Le Relief de la Bretagne Méridionale*, importante e pormenorizado estudo de Geomorfologia, que dedicou sintomática e duplamente *À la Bretagne, À Monsieur Emmanuel de Martonne*.

Tive o privilégio, em 1949, de figurar entre os alunos escolhidos para participar na Excursão Interuniversitária da Bretanha, que ele dirigiu conjuntamente com André Meynier — excursão anual que

---

(1) Professores catedráticos da Universidade de Lisboa. Investigadores do CEG. Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras de Lisboa, Cidade Universitária, 1699 Lisboa Codex. Tel: (351-1) 794 02 18; Fax: (351-1) 793 86 90.

reunia a maioria dos professores de Geografia das Universidades da França e, às vezes, de países vizinhos, juntamente com alguns alunos mais adiantados, para discutir no campo os problemas geográficos por essa altura em estudo nas diversas regiões francesas. Tive então ocasião de apreciar a qualidade das suas exposições, claras, sólidas e densas, que prenunciavam o estilo da subsequente obra científica e pedagógica do jovem geógrafo.

Apassionadamente ligado à gente da sua *finisterra* natal, a Bretanha, cuja língua respeitava e conhecia bem, Guilcher consagrou toda a sua actividade à prática da Geografia, encontrando um sólido fio condutor no estudo do mar e dos litorais, tema então quase desconhecido dos geógrafos e que ia decisivamente desenvolver. Professor da Universidade de Nancy, de 1947 a 1957, foi nesta cidade lorena do interior que entusiasmou, paradoxalmente, os primeiros discípulos para o estudo dos problemas do litoral. Nomeado professor na Sorbonne em 1957, manteve-se neste posto de prestígio até 1970, decidindo então, para espanto dos colegas, solicitar um lugar na recém-criada Universidade de Brest, para poder voltar à terra de origem e acompanhar de perto as investigações que dirigia, observando diariamente, da janela do seu gabinete, os barcos que entravam e saíam do porto, e entre os quais se contava o pequeno navio de investigação litoral que obtivera do C.N.R.S. e manteve em actividade de 1961 a 1980.

### **André Guilcher e Portugal**

Em 1949, participou no Congresso de Geografia de Lisboa e aproveitou a viagem para percorrer os litorais mais próximos da cidade, onde encontrou aspectos de tanto interesse que decidiu apresentar logo uma comunicação à *Académie des Sciences*, sobre os valeiros litorais suspensos da Arrábida e do Cabo da Roca. Interpretou-os, segundo a teoria vigente, como resultantes de oscilações eustáticas do nível do mar, mas sugeriu também, o que era completamente novo, que os blocos heterométricos que os atapetam resultavam duma solifluxão de tipo possivelmente periglacial.

Iria voltar várias vezes a Portugal. Publicou em 1957, numa revista holandesa, um artigo sobre as formas de corrosão litoral do calcário na costa portuguesa. Dirigiu, em 1980, uma tese de 3º ciclo sobre as formas de corrosão litoral nas plataformas de abrasão entre Peniche e a

Serra de Sintra, realizada por M. Conversey. Em 1983, aceitou participar no ensino do Mestrado de Geografia física ministrado na Faculdade de Letras de Lisboa e percorreu, em companhia dos colegas portugueses interessados, parte do litoral ocidental, do Algarve até à região da Nazaré. Mantendo sempre relações estreitas e amigas com todos os que solicitavam a sua opinião ou ajuda, ainda consagrou uma das suas últimas recensões, publicada em *Norois* (nº 162, 1994) à recente tese de doutoramento de Ana Ramos Pereira sobre o litoral do Alentejo e Algarve ocidental.

Trabalhou também em Angola, em 1974, e nos Açores, em 1980, tendo reservado à revista *Finisterra* o primor das suas observações (respectivamente nos nºs 18 e 30). A primeira destas campanhas de investigação vai ser evocada com mais pormenor a seguir.

## A obra

A obra escrita de André Guilcher é vasta, rica e trata das mais diversas regiões do Globo, que percorreu infatigavelmente. A lista das suas publicações, bem como um mapa dos seus numerosíssimos e variados lugares de investigação, encontra-se no volume de homenagem, *André Guilcher, Géographe de la Mer*, organizado em 1983 por A. Godard, J.-R. Vanney e F. Verger e será completada, para os anos mais recentes, nos números especiais preparados pelas revistas *Norois* e *Journal of Coastal Research*. Queríamos apenas sublinhar aqui alguns dos aspectos mais relevantes desta obra.

Apaixonado geógrafo de campo, serenamente adaptável tanto aos frios polares como aos calores tropicais, sóbrio e resistente, companheiro discreto, sorridente e sempre cortez, Guilcher foi também um leitor infatigável e metódico da literatura cada vez mais abundante referente aos temas da sua predilecção. Durante 40 anos, publicou regularmente, na revista *Norois*, uma preciosíssima *Chronique Océanographique*, onde oferecia generosamente a todos os seus colegas e discípulos, especialistas ou não especialistas, o panorama de toda a produção científica sobre o mar, susceptível de os interessar. Em troca, recebia inumeráveis separatas, que o ajudavam a manter a sua informação actualizada.

Aproveitando e assimilando os tipos de investigação mais diversos e especializados, as suas recensões apresentam sempre a marca firme do

seu conceito claro, ainda que implícito, do que é a Geografia. Destacava as obras mais importantes, que condensava e comentava, e muitas vezes ilustrava com os seus luminosos desenhos, sendo os artigos de maior pormenor simplesmente assinalados e caracterizados em poucas palavras. Guilcher dedicou cerca de 1400 densas páginas a esta tarefa aparentemente subalterna, mas que traduz admiravelmente tanto a seriedade e excelente organização do seu trabalho, como o saber e a generosidade do professor que, longe de guardar para si a informação mais recente, a torna rápida e facilmente acessível para todos.

A irradiação da sua personalidade de investigador pode ser apreciada pelo número de teses de doutoramento que promoveu e dirigiu. Só em França e contando apenas a categoria das teses de maior importância, as *thèses d'Etat*, foi responsável pela feitura de 43 delas. Mas inspirou também e ajudou muito outros jovens investigadores, em França e noutros países.

A sua bibliografia científica conta com cerca de 500 números: a maior parte são artigos, muitos deles extensos, ou recensões, mas publicou igualmente várias obras de maior fôlego. Além da tese, com 682 páginas, citam-se os livros seguintes:

1954 – *Morphologie littorale et sous-marine*. Presses Universitaires, Paris (trad. espanhola, *Morfologia litoral y submarina*, Omega, Barcelona, 1957; trad. inglesa, *Coastal and submarine morphology*, Methuen, London, 1958).

1958 – *L'Europe du Nord et du Nord-Ouest*, I (Généralités physiques, p. 1-179). Coll. Orbis, Presses Universitaires, Paris.

1963 – *L'Europe du Nord et du Nord-Ouest*, III (Géographie physique, p. 1-160). Coll. Orbis, Presses Universitaires, Paris.

1965 – *Précis d'hydrologie marine et continentale*. Masson, Paris (2ª ed., 1979).

1969 – *L'Océanie*. Coll. Magellan, Presses Universitaires, Paris.

1988 – *Coral Reef Geomorphology*. J. Wiley & sons, Chichester.

Nota-se a forte proporção das obras didáticas, que se tornaram manuais de referência internacionais, lidos através de todo o Mundo, e a presença das obras de Geografia regional, que não deixam esquecer que Guilcher, grande especialista do mar e dos seus litorais, nunca deixou de sentir o Mundo globalmente, como o geógrafo completo que era.

## ESTUDANDO A BAÍA DOS TIGRES (C.A.M.)

Como ficou aflorado, em colaboração com investigadores portugueses, André Guilcher publicou nesta revista um importante estudo sobre as restingas do litoral de Angola, com especial relevância para a da Baía dos Tigres<sup>(2)</sup>. Um dos autores da presente nota (C. A. M.) participou no trabalho de campo, realizado no final de 1973.

Tinha travado conhecimento com o notável geógrafo francês no ano anterior, no decurso do Congresso Internacional de Geografia de Montréal, e estivera com ele na excursão entre Calgary e Vancouver, que recobriu temas do maior interesse. André Guilcher impunha-se no grupo de participantes pela pertinência das suas observações, a que não faltava por vezes um tom levemente irónico, pela profundidade dos seus conhecimentos, pela atenção com que seguia os assuntos tratados, pelas sugestões com que enriquecia os debates. Naturalmente, suscitou-se troca de impressões com o então ainda jovem assistente português, que prestava serviço no pólo do Lubango (na altura, Sá da Bandeira) da Universidade de Luanda. Entre muitas outras matérias, falou-se do litoral, de Moçâmedes (hoje Namibe) e... da Baía dos Tigres. Guilcher interessava-se muito nessa altura pelo estudo das restingas, que tinha já processado noutras áreas, e não me escondeu que ambicionava particularmente explorar aquela extensa forma de relevo costeiro do sul de Angola. Procurei informá-lo sobre a melhor forma de obter facilidades de deslocação e financiamento, nos meandros da complicada estrutura burocrática portuguesa, e prontifiquei-me a dar-lhe todo o apoio em Angola.

Em Dezembro de 1973, André Guilcher já lá se encontrava, juntamente com a esposa que, com frequência, o acompanhava nestes trabalhos. Fui esperá-los a Luanda e fizemos de *jeep* o percurso até ao Lubango, com o vagar suficiente para procedermos a observações geográficas.

Seguiu-se a viagem de Moçâmedes para a Baía dos Tigres, onde André Guilcher estava visivelmente ansioso por chegar. Alguma indecisão do governador de Moçâmedes, manifestada na própria manhã da véspera daquela viagem, em nos ceder, conforme ficara prometido, o

---

(2) GUILCHER, A.; C. A. MEDEIROS; J. E. MATOS; J. T. OLIVEIRA (1974) — Les restingas (flèches littorales) d'Angola, spécialement celles du Sud et du Centre. *Finisterra*, IX-18, Lisboa: 171-211.

avião que se encontrava ao seu serviço, enervou o geógrafo francês durante todo o dia; com alguma experiência sobre o ambiente local, já calculava que as coisas se passariam assim, que tudo acabaria por se resolver, e procurei acalmá-lo. A minha serenidade não o sossegou. Guilcher tornava-se impaciente — por vezes muito impaciente — quando as circunstâncias se complicavam sem qualquer justificação; neste ponto, havia perfeita identificação com o meu temperamento, o que contribuía para nos aproximar. Mas, tal como eu previa, a autorização para a viagem foi de facto dada ao fim do dia. Entretanto, tinham-se agregado ao grupo de trabalho dois excelentes colegas, geólogos, assistentes da Universidade de Luanda como eu (José Esteves de Matos e José Tomás de Oliveira). E aos três nos impressionou o entusiasmo dificilmente contido, o interesse, quase diria a "devoção" com que Guilcher se entregou ao trabalho nos escassos dias em que permanecemos nos Tigres. Deslocámo-nos juntos, o casal e nós os três, por toda a restinga, e fomos também, de barco, ao litoral continental fronteiro, na área da ponta de João do Pico, a mais propícia para as observações necessárias.

Foi um período extremamente enriquecedor para os três investigadores portugueses em início de carreira, pela constante troca de impressões, pela cordialidade que sempre existiu, pelo muito que aprendemos, pela ousadia com que formulávamos uma ou outra sugestão, que Guilcher nunca deixava de ponderar e discutir. Nas deslocações a pé, era ele, então com 60 anos, que tomava a dianteira, por vezes com largo avanço, tão jovem no esforço físico, como no trabalho intelectual. Sobretudo ao jantar, procedíamos a um balanço do que se tinha feito ao longo do dia e conversávamos sobre assuntos variados. Guilcher tinha um leque muito amplo de interesses, não só na multiplicidade dos temas da Geografia, como noutras matérias, de âmbito histórico, político ou sociológico, em relação às quais se expressava com facilidade e fundamento. O meu convívio com ele permitiu-me aprofundar esta faceta da sua personalidade: considerado habitualmente como um "especialista" em determinado ramo da Geografia, era afinal um "geógrafo" na plena acepção da palavra, e os seus conhecimentos tinham um âmbito ainda mais lato. Era também tolerante e compreensivo, o que não excluía a firmeza e a defesa intransigente das suas convicções. A troca de impressões com ele e com a sua dedicada companheira, à mesa

duma refeição, num percurso mais longo, numa pausa imposta pelo ritmo do trabalho, resultava sempre agradável e estimulante.

A substância e o conteúdo das investigações concretizadas encontram-se no artigo citado e não vale a pena retomar aqui o que nele ficou escrito. Recordo a segurança com que Guilcher fazia as suas observações, a constante comparação com formas semelhantes existentes em África e também noutras áreas, tão distantes como, por exemplo, a da costa do mar de Azov, a preparação cuidada de cada dia de trabalho, que não excluía depois os ajustamentos necessários. Guilcher era, de forma assumida, um geógrafo que baseava as suas conclusões essencialmente no trabalho de campo, embora sem excluir, como é óbvio, outros recursos, de que são exemplo os laboratoriais, ou os que se ligam à análise minuciosa da fotografia aérea e de mapas de diferentes épocas.

O estudo acabou por abranger o conjunto das restingas de Angola, apesar do ênfase dado à Baía dos Tigres. Daí regressámos para Moçâmedes num fim de tarde, e pouco depois estávamos os cinco reunidos a jantar, o casal francês e os três jovens assistentes portugueses. Não escondíamos a nossa satisfação pelo trabalho desenvolvido. Recordámos determinados episódios e observações, discutimos ainda alguns pontos e, finalmente, Guilcher confirmou que o artigo seria escrito e, para nossa surpresa, assinado por ele e pelos seus três "colegas". O nosso protesto foi unânime e imediato. O essencial da investigação, as linhas mestras que a ela tinham presidido e — antevíamos-lo já — da própria elaboração final deviam-se ou ficariam a dever-se a Guilcher; sugerimos-lhe que, quando muito, mencionasse em nota a nossa ajuda. Manteve-se intransigente: que não, que a nossa colaboração tinha sido importante, que o trabalho de campo decorrera em comum. E o artigo apareceu assinado pelos quatro. Não conseguimos demovê-lo.

Só reencontrei Guilcher uma vez mais, em Lisboa. Tinham passado dez anos, mas o seu vigor intelectual não diminuía. Como dantes, falámos sobre os mais variados assuntos, mas não deixámos de recordar o tempo que passáramos juntos em Angola. Com satisfação, Guilcher referiu-se à divulgação que havia tido o nosso artigo e, por essa altura, ofereceu-me a separata duma recensão dele aparecida numa revista prestigiada da então União Soviética, onde tinha ido parar.

Foi a última vez que o vi. Verifico hoje que, afinal, o meu contacto com ele foi curto, à escala duma carreira académica e de investigador: mas deixou marcas profundas, que a notícia do seu falecimento fez avivar com saudade. Outra coisa não seria de esperar, da parte dum geógrafo tão notável, dum Homem de personalidade tão rica e atraente, como foi André Guilcher.